

O Coração da Espiritualidade Aquariana: Os Cinco Pontos do Monismo

Peter Jones

Os temas disparatados de nossa cultura que advoga o direito de escolha têm um cerne. Sua exaltada diversidade esconde uma profunda coerência ideológica: o paganismo religioso, a adoração da terra e da deusa por trás dela. O apóstolo Paulo descreveria esta religião como a adoração à criatura em lugar do Criador.¹ No entanto, “paganismo” ainda é impreciso, sugerindo a soma de religiões não-relacionadas não-cristãs. É vitalmente importante ver além da diversidade externa e das distinções subliminares da coerência interior do paganismo que é conhecido como MONISMO.

A revolução da contracultura dos anos 60 popularizou na cristandade ocidental a espiritualidade do Oriente. Viagens espirituais pelo uso de drogas e a meditação oriental revelam a revolução real: o monismo pagão oriental penetrou o mundo “teísta” judeu-cristão.

As palavras com “ismo” assustam a maioria dos leitores, mas nós devemos entender a palavra monismo. “Mono” significa “um”. Em um monopólio, uma companhia domina o mercado. O Monismo, como uma filosofia de vida, procura dominar a igreja em nossos dias. Seus tentáculos, alguns seculares e alguns liberais / “cristãos”, rodeiam uma Sião adormecida. Eles têm se desenvolvido na maioria dos movimentos, declarando trazer a paz e a prosperidade para um planeta renovado. O símbolo do monismo é um círculo: seu objetivo é circundar o globo.

Os cinco seguintes elementos sumarizam o monismo em sua expressão contemporânea.² É essencial examiná-los para entender o que está acontecendo em nossa sociedade:

1. Tudo é um e um é tudo

Essa é a essência do monismo. O universo é uma massa de energia indiferenciada e relativa. Deus não está *fora* do universo; Deus *é* o universo. A distinção do Cristianismo entre criatura e criador é erradicada. O grande “O” do monismo, é um círculo – tudo, incluindo Deus, está dentro do círculo. Não se pode conter um fazedor de relógios dentro de seus relógios, mas isso é o que o monismo faz com Deus. O símbolo antigo do círculo reapareceu – na bruxaria (cuja cerimônia começa com o “lançamento de um grande círculo”), no

¹ Romanos 1.25.

² Para partes desta análise, eu estou em débito com o professor Jeffrey Haddon do Departamento de Sociologia da Universidade de Virgínia, em uma palestra pública sobre as principais características do movimento Nova Era. Sobre o monismo oriental ver Guinness, *The Dust of Death*, 211-225.

hinduísmo, na adoração aos deuses – mesmo o símbolo do *Parlamento das Religiões do Mundo* era um círculo.³

Este círculo, a noção de tudo em um, destaca a física taoísta da Nova Era, a “profunda ecologia”, a adoração da Mãe Terra e, acima de tudo, o uso de um imaginário feminino para Deus. *Restoring the Goddess to Judaism and Christianity* [Desenvolvendo a Deusa para o judaísmo e para o Cristianismo] é o título de uma recente publicação politicamente correta; trata-se de uma tentativa de reintroduzir o paganismo na fé bíblica. A “mãe” é nada menos do que a Mãe Terra feiticeira:

Ela [está] (...) em todo lugar e engloba tudo: (...) Ela é tudo e todos e seu oposto (...) Ela mostra-me que não há desunidade entre algo e seu oposto. Uma totalidade inclui todos os aspectos. Divisões lineares e dualistas não existem.⁴

Suspenda o discurso. É impossível “devolver” o paganismo à Bíblia, pois ele nunca esteve lá. Mas o paganismo vestido com as emotivas e sedutoras cores da tolerância e dos direitos humanos, gradualmente muda as percepções sobre Deus. O sucesso disso declararia o fim do Cristianismo, porque o recurso maior do novo evangelho é o paganismo.

No filme *Star Wars [Guerra nas Estrelas]*, Obi-Wan Kenobi, o guerreiro Jedi, se explica ao jovem Luke Skywalker numa prosa monista digna de qualquer sacerdote ou sacerdotisa antiga ou moderna:

A Força é um campo de energia criado por todos os seres vivos: nos rodeia, nos penetra, é o que mantém a galáxia unida (...) é poderosa e controla tudo.

Quando Luke se entrega a suas intuições, ele é capaz, em harmonia com a Força, de pilotar uma nave de complexidade inimaginável e bombardear exatamente o quartel-general do Império Maligno. Cético? O monismo promete resultados impressionantes aos seus adeptos.

2. A humanidade é um

Se tudo é um, a humanidade é uma expressão da unicidade divina. Os humanos são energia cósmica solidificada que criam suas próprias realidades. Acreditar que a humanidade é divina e, assim, essencialmente boa, ajuda a explicar a busca crescente por uma descoberta espiritual pessoal, em detrimento da

³ O exército americano recentemente removeu a cruz da insígnia usada pelos capelães. No lugar da cruz colocaram um sol com seus raios, simbolizando o divino em todas as coisas – ver Chris Murray, *Army Times*, 17 de janeiro de 1994, 12, citado no boletim circular mensal de James Dobson de fevereiro de 1994. Uma outra versão do círculo, o mundo ovo, apareceu como a peça central das cerimônias de abertura das olimpíadas de inverno em Lillehammer, Noruega, em fevereiro de 1994, onde os organizadores, em um país que tem sido descrito como de 95 por cento de luteranos, propuseram ao mundo que os assistia um programa que exaltava o paganismo norueguês antigo.

⁴ Asphodel P. Long, *The Absent Mother: Destoring the Goddess to Judaism and Christianity*, org. por Alix Pirani, (Londres: Mandala, 1991). Não pode haver heresia em um universo como este, exceto a heresia que nega sua validade total.

doutrina e da verdade.⁵ O misticismo substituiu a verdadeira espiritualidade.⁶ Companhias no Ocidente, vendo o valor comercial de tal otimismo, estão usando essas idéias para produzir melhores vendedores. A Avenida Madison e os gurus poderiam ser uma aliança impossível de romper, uma aliança profana alimentando a máquina do que é politicamente correto. Como uma expressão da divindade, cada indivíduo é uma fonte da verdade. A tolerância e a relatividade são os resultados necessários, já que a verdade de cada um é diferente. Essa ideologia monista define os programas de “clarificação dos valores” nas escolas públicas; não há certo ou errado. As crianças devem expressar sua sexualidade de acordo com suas intuições, não confinadas por considerações morais, mas protegidas por camisinhas. O indivíduo é o juiz final, e a intuição é o caminho de cada um, para a liberdade humana e para a harmonia com “a Força”.

3. As Religiões são um

Nessa grande expansão de energia, divindade e verdade, nenhuma religião afirma a verdade exclusiva. Como o Cristianismo ortodoxo comete esse pecado imperdoável, ele é o obstáculo principal para a harmonia religiosa e social do planeta. As religiões devem se misturar num sincretismo global unificado. Uma religião mundial *homogeneizada* não é politicamente correta, mas não é realmente necessário ser. Logo abaixo da superfície da diversidade religiosa das religiões do mundo, na verdade, os vários credos são intercambiáveis, e as experiências espirituais estão em comunhão com a mesma realidade oculta.

O “*Parlamento das Religiões do Mundo* (Chicago, 1993) foi um acontecimento pré-programado da espiritualidade monística. Os conferencistas descobririam por trás de suas diferenças exteriores uma experiência humana compartilhada do divino dentro de cada um. O sincretismo monista será a inspiração para muitos outros ajuntamentos e programas planejados para os anos à frente, especialmente o Parlamento do ano 2000.⁷

4. Um problema

Se tudo é uma só coisa, o grande problema é a ramificação da realidade em campos opostos: fazer distinções entre bem e mal, certo e errado, verdade e erro, Deus e Satanás, humano e animal, macho e fêmea, homossexual e heterossexual, pagão e cristão, heresia e ortodoxia, razão e irracionalidade. Os monistas argumentam que tais distinções, típicas da cultura cristã ocidental, levou os seres humanos a uma amnésia espiritual e metafísica na qual eles não

⁵ Ver David F. Wells, *No Place for Truth; or, Whatever Happened to Evangelical Theology?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993).

⁶ Arthur L. Johnson, *Faith misguided: Exposing the Dangers of mysticism* (Chicago: Moody Press, 1988), 32. Johnson mostra a natureza mística desta tolerância: “Ele pode argumentar que, desde que o não-místico não tenha tido a experiência que ele teve, o não-místico não é portanto qualificado para julgá-lo (...). De qualquer forma, os místicos religiosos afirmam ter experimentado Deus e ter recebido revelações especiais (...). O resultado prático de tudo isso é que é quase impossível discutir com qualquer místico convicto”. Para uma boa discussão a respeito deste assunto, ver James W. Sire, *The Universe Next Door* (Downers Grove, IL: Inter Varsity, 1976), 178-183.

⁷ Para um relatório sobre este parlamento ver Peter Jones, “Curb Your Dogma: In the midst of a Gloomy Week, One Bright moment”, *World 8-17* (18 de setembro de 1993), 22.

estão mais cientes de pertencer ao todo.⁸ O mal não é uma rebelião moral trágica contra o Criador transcendente. É somente um mero esquecimento. O círculo monista deve ser inquebrável ou a magia será. Uma experiência mística com o todo é essencial.

5. Um só modo de fuga

O entendimento espiritual pela intuição e pela meditação é o único modo de salvação. Tal visão vem por meio de uma experiência mística não racional de ver a si mesmo como o centro de um círculo que não tem limites.⁹ Do centro de seu próprio universo sem limites o eu reina necessariamente supremo! A experiência é produzida no rápido caminho das drogas ou, no caminho mais seguro, por meio da meditação (hindu). Praticada da maneira certa, tal meditação capacita a mente / alma a se desconectar das limitações do corpo. Na experiência deste conhecimento (gnose) do eu como conectado ao todo e assim divino, ocorre a mudança libertadora de paradigmas por meio do qual a redenção do ego e do planeta se torna possível. A experiência, ainda que contrária aos desígnios do Criador, e, portanto, totalmente nociva, mesmo assim produz um profundo senso de libertação, uma falsa “redenção virtual”. No triunfo da mente sobre a matéria, quando a mente se esvazia do pensamento, os seres humanos “entendem” sua divindade. Não é necessário dizer que a salvação mediante o sacrifício redentor de Cristo não tem lugar aqui. Cada um é o salvador de si mesmo.

Esse monismo oriental com uma característica ocidental contradiz diretamente o teísmo cristão e a civilização que ele produziu. Não há um campo neutro.

MONISMO E TEÍSMO: UM CONFRONTO DE VISÕES

Qualquer um com um conhecimento mesmo que superficial do Cristianismo sente que esses cinco pontos da religião monista são radicalmente contrários ao Cristianismo ortodoxo (teísmo). Conquanto use termos como Deus e o divino, esta nova espiritualidade é uma forma de ateísmo porque nega o verdadeiro Deus que criou os céus e a terra. Os teólogos cristãos ortodoxos não são os únicos a entender a natureza de vida ou morte do conflito. Líderes da nova espiritualidade também estão cientes disso. Ainda que a tolerância seja a virtude suprema, uma posição teológica não é tolerada.

O *Parlamento das Religiões do Mundo* de 1993 não programou uma discussão racional a respeito dessas duas opções teológicas. Recusou-se a reconhecer o conflito: tal reconhecimento somente atrasaria o avivamento sincretista-monista mundial. Ecos fracos do debate foram banalizados em exercícios de

⁸ Ver Arthur L. Johnson, *Faith misguided*, 35-36.

⁹ Como o grande gnóstico moderno, C. G. Jung, disse: “O eu é um círculo cujo centro está em todo lugar e cuja circunferência não está em lugar algum” – ver Miguel Serrano, *C. G. Jung and Hermann Hesse: A Record of Two Friendships*, trad. Frank MacShane (Nova York: Schoken Books, 1968), 50, 55.

“resolução de conflitos” por grupos de profissionais “facilitadores de diálogo”. O teísmo histórico estava ausente, invocado somente como fonte dos problemas do planeta.¹⁰

Em suas pretensões globais, esse parlamento da paz representa uma visão totalitária da liberdade religiosa mais intolerante do que a do fundamentalismo. A recusa ao reconhecimento da legitimidade do teísmo sistematicamente caracteriza os ajuntamentos liberais internacionais e as suas conexões. Em Chicago, pediram aos teístas e outros de fora que saíssem sempre que acontecesse um exercício *prático* da espiritualidade pagã. O inclusivismo foi estendido aos cristãos ortodoxos somente quando representados por um coral de negros, convidado para cantar cânticos gospel que ninguém entendeu.

Os teístas são *não-pessoas* ou hereges. Os oponentes não usam a palavra “teísmo”. Eles se apóiam na carregada palavra “fundamentalismo”. Um representante muito reconhecido da nova espiritualidade, Deepak Chopra, descreve o tempo presente como um período de “uma das maiores turbulências no mundo”. Sua frase seguinte contém a previsível fuga: “Tem havido um ressurgimento do fundamentalismo religioso, da violência, do terrorismo, da intolerância racial, do etnocentrismo e do preconceito”. Ele ainda acrescenta: “Eu nem mesmo tento convencer os fundamentalistas”.¹¹ Os teístas são incluídos com os extremistas violentos e com os racistas, e são intitulados como racialmente intolerantes sem escrúpulos, impossíveis de se convencer. Nesta última afirmação, Chopra está inconscientemente correto: os monistas e os teístas sempre terminam em um empate porque suas posições são mutuamente exclusivas. Na retórica presente, no entanto, somente os teístas são os culpados.

Extraído de *A Ameaça Pagã*, Peter Jones
2ª Edição, Editora Cultura Cristã, 1998. 37-42.
www.cep.org.br

¹⁰ O Cardeal Bernadin, altamente visível no esplendor episcopal e nas vestimentas nas cerimônias de abertura, nunca sequer exercitou sua função como professor e pastor, e permaneceu em silêncio com respeito ao Cristianismo histórico teísta.

¹¹ *The Light Connection*, julho de 1994, 14.